

AS PERSISTÊNCIAS FANONIANAS NO SÉCULO XXI

THE FANONIANS PERSISTENCES IN THE 21ST CENTURY

Greice Quelen Miranda

Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: greicequelen17@gmail.com.

Resumo: Um dos maiores problemas, no que tange a população negra ainda hoje, é a fuga de sua historicidade para passar por um processo de afirmação e ser reconhecido pelo homem ou mulher branco e branca. O uso de máscaras, que disfarçam essas características, continuam a ser empregadas, sendo vistas como uma tentativa de aproximar-se de uma raça que muitas vezes se coloca numa posição de universalidade ontológica. Dito isso, o presente ensaio visa apresentar uma das problemáticas contida no livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* de Frantz Fanon. Desse modo, aborda-se como conteúdo o conceito de reconhecimento, explanado pelo autor, como um contraponto a Hegel. Seguido por uma explanação de como o negro é colocado na zona do não-ser, por meio da falta desse reconhecimento que é universalizado pelo branco. Apresentando ainda de que maneira esse lugar não-ontológico ainda persiste no século XXI, com a permanência de instituições racistas e a dificuldade de ascensão social da pessoa preta. O que, por fim, conduz para as vias de solução que podem ser apresentadas: como a retirada da posição universal e a intersecção entre corpo e mente.

Palavras-chave: Fanon. Negritude. Filosofia. Contemporânea

Abstract: One of the biggest problems, regarding the black population even today, is the escape from its historicity to go through a process of affirmation and be recognized by white men or women. The use of masks, that disguise these characteristics, continue to be employed, being seen as an attempt to approach a race that often places itself in a position of ontological universality. That said, this essay aims to present one of the problems contained in the book *Black Skin, White Masks* by Frantz Fanon. Thus, the concept of recognition is addressed as content, explained by the author, as a counterpoint to Hegel. Followed by an explanation of how black is placed in the non-being zone, through the lack of this recognition that is universalized by white. Also showing how this non-ontological place still persists in the 21st century, with the permanence of racist institutions and the difficulty of black people's social ascension. Which, finally, leads to the solution paths that can be presented: as the withdrawal from the universal position and the intersection of body and mind.

Keywords: Fanon. Blackness. Philosophy; Contemporary.

Em 25 de maio de 2020 morreu no estado de Minnesota, Estados Unidos da América, um homem cujo nome era George Floyd. Ele foi abordado por um policial que manteve o joelho no seu pescoço mesmo ele alegando não conseguir respirar. Esse homem, oficial de polícia, é branco; ao passo que George era um homem negro. A partir desse relato que nos foi veiculado inúmeras vezes nos noticiários e que originou manifestações, mesmo durante uma pandemia, cuja bandeira levantada tinha a seguinte frase: vidas pretas importam, irei analisar no presente texto como a sociedade negra apresenta ainda hoje traços da desumanização trazida por Fanon e como, de uns anos para cá, nós passamos por uma transição do uso de máscaras brancas para assumir a nossa verdadeira face. Além desse ponto, mostrarei como se dá a zona do ser e não-ser apresentado na teoria fanoniana, e como o reconhecimento de seu escrito utiliza-se, com algumas diferenças, do conceito de reconhecimento hegeliano.

Inicialmente é importante a seguinte reflexão: nós vivemos em uma sociedade com traços de colonialismo. Existe uma hierarquia cujo topo é ocupado majoritariamente por indivíduos brancos e as instituições tendem a renegar ou dificultar a ocupação do negro nesses espaços. Há, ainda assim, uma insistência em características estereotipadas e uma destituição da particularidade do negro. Logo, para além da época de Fanon, suas teorias se fazem presentes na nossa sociedade, em pleno século XXI, no ano de 2020 e antes disso.

Houve anos em que existiu uma investida nas máscaras brancas para que as pessoas negras entrassem num processo de negação do seu próprio corpo, das suas características. Foi dado a elas um lugar de intermédio entre o negro e o branco (pardo) cuja absorção foi em massa. Então, surgiram movimentos que deslocaram essa posição que apareceu sob novas formas de aceitação de uma beleza.

Além desse caráter de destituição de máscaras, o indivíduo negro ainda é atirado numa zona de não-ser, onde lhe é negado o seu direito de ser humano. Todavia, essa zona é composta por dois elementos: o primeiro é o reconhecimento e

o segundo, que em muito se relaciona com o primeiro, é a invisibilidade a partir do corpo. Esse último apresentado por Joaze Bernadino-Costa.

O terceiro e último ponto está presente na solução fanoniana para restituir o ser do homem negro. A interpretação apresentada será uma leitura feita por mim dos termos apresentados por Fanon, que muitas vezes não nos fica muito claro, mas que, a meu ver, traz uma solução ímpar para essa problemática da essência do negro.

O RECONHECIMENTO, O NÃO-SER E A DESTRUIÇÃO DAS MÁSCARAS

O reconhecimento é talvez o conceito mais fundamental para entender as demais discussões. Ele aparece em Fanon como algo próprio de Hegel (1992), mas que se configura no primeiro diferente deste último. Porém o que de fato seria esse reconhecimento?

O ser humano é humano para o outro e não para si próprio. Portanto a humanidade requer um reconhecimento a partir de um outro de forma intersubjetiva. Eu me assumo como pessoa humana e o outro me confirma essa posição que assumo.

Inicialmente, o indivíduo possui uma consciência de si, que nada mais é do que uma certeza subjetiva de seu ser: eu sou um humano, porque detenho tais e tais características e me apresento no mundo a partir do uso delas. Eu conheço objetos, ou conjeturo sobre eles, eu estabeleço raciocínios lógicos, eu tenho conhecimento empírico, eu crio, imagino, abstraio e vivo em moldes sociais com capacidades de avanço; eu estou situado numa cultura. A partir dessa certeza subjetiva, necessito de uma verdade objetiva que confirme minha consciência de mim. Logo, o outro, que também está situado nesse mundo e que eu reconheço como aquele com qualidades comuns a mim, que pode reconhecer em mim o que sou, tem a possibilidade de me oferecer essa certeza objetiva nesse processo de estar no mundo. O que fazemos, reciprocamente, é uma força ontológica oferecida como uma via de mão dupla.

Dado o entendimento desse reconhecimento, Hegel o apresentará numa

sociedade escravista como uma espécie de dialética entre o senhor e o escravo. Mas Fanon discordará disso. O branco ignora a consciência do negro. O reconhecimento não é recíproco. O branco se situa no mundo como universal, como aquele que detém características próprias e que é capaz de dizer quem pode ou não reconhecer-se nesse humanismo. Nesse processo, ele desconhece o negro, ele não oferece essa possibilidade de verdade objetiva, ele o restitui de seu ser e o traumatiza por isso. O negro torna-se, mesmo após a escravidão, o objeto do branco, aquele que está no mundo como algo a ser considerado de forma externalizada e sem resistência ontológica.

Assim como o branco não reconhece esse ser do negro, o mesmo deixa de colocar-se, como em Hegel, voltado para o trabalho para objetivar o reconhecimento do branco, que nunca chega a ele. Nesse aspecto sufocante de busca sem respostas, de investidas seguidas de constante negação, o negro decide por negar-se.

Logo, está para nós muito claro que, ao não ter reconhecimento, o preto é colocado como não-ser, impregnado em sua própria pele. Isso se dá através do racismo que é tido no preto como uma instância essencialmente corporificada. O preto é preto pela sua cor e ao ser preto deixa de ser humano. Veja bem, o homem ou mulher negro ou negra, ao ter sua cor preta deixa de ser homem ou mulher para ser acrescido e determinado pela sua cor. Nesse momento, toda particularidade é ignorada e centra-se em suas vidas, aspectos estereotipados que Fanon apresenta como os mitos, fetiches, tabus, entre muitas coisas que é próprio de ser tomado pelas características da população preta.

Há uma divergência que o autor traz em uma comparação entre o negro e o judeu, que tomarei aqui um caráter diferente. Enquanto mulher preta me faço comparar com uma outra classe de resistência que sofre preconceitos por pessoas brancas, hétero e cis, que é, por exemplo, a mulher lésbica branca. Trago esse exemplo como uma forma de trazer para o nosso âmbito, o ano de 2020, uma discussão apresentada por Fanon em seu livro. Essas mulheres são fetichizadas assim como as mulheres pretas (hetero ou não) também o são. Mas o preconceito voltado para a mulher branca lésbica ocorre por uma espécie de reconhecimento da ideia: ela se faz discriminar quando apresenta-se ao mundo com essas características que ela é, na qual há aí duas saídas, ou são discriminadas por sua sexualidade, ou são fetichizadas e tidas como objeto sexual por homens brancos, também por sua sexualidade. Isso é ruim? Sim, é horrível. Mas vejamos o caso da mulher negra. Não temos como negar absolutamente nada, e é isso que Fanon quer mostrar, nós

carregamos externamente o motivo pelo qual somos discriminadas. As mulheres negras são fetichizadas por suas bundas, por exemplo, e aquela que não apresenta uma “bunda negra” está fora do lugar. Somos não assumidas na maioria das vezes, porque a sociedade coloca a mulher negra como um objeto sexual que não tem a menor chance se assumir os padrões do casamento que são próprios para as mulheres brancas. O pior... não há disfarce. Não somos uma ideia de negritude, somos um corpo revestido e impregnado de negritude e não podemos nos desfazer disso (não entro no mérito do querer aqui). O que torna evidente é que ainda hoje, temos um corpo em destituição de ser, porque não somos somente mulheres, somos mulheres negras e o peso ontológico imposto a nós é, ainda hoje, adverso.

Portanto, o preto está no âmbito do não-ser colocado pelo branco e é aí que entramos no caráter da negação. A negação é uma espécie de tentativa de visibilidade. Isso porque ao ser visivelmente preto somos invisivelmente humanos, somos tirados das capacidades humanas; somos coisificados. O negro nota isso e quer sair dessa zona do não-ser, ele quer ser aceito pelo branco. Para isso, irá negar suas características e embranquecer-se (ou pelo menos tentar) por meio do uso de máscaras brancas, que são a linguagem do branco, o seu comportamento, os seus relacionamentos, suas músicas, os lugares que frequentam. Mas, ao fazer isso, ele só se embranquece para seu igual porque frente ao branco sua máscara não só é retirada como pisoteada e destruída.

Dito isso, podemos analisar o que acontece com a nossa sociedade atualmente. Lembro-me que há um tempo vestíamos mais máscaras brancas do que atualmente. Alisávamos os cabelos com mais frequência, sofriamos para reduzir nossas medidas, não tínhamos cremes para nossos cabelos, as tranças eram mal-vistas pela sociedade, os personagens infantis eram brancos, não tínhamos super-heróis negros nem um protagonista negro que sobrevivesse até os finais dos filmes. Passamos por períodos de pura e singelas negações. Negávamos a nós mesmos a todos os momentos, queríamos ser como brancos e tínhamos os brancos como referência. Mas algo mudou.

Claro que sempre houve grupos de resistência de pessoas pretas que queriam se assumir para o mundo com suas características. Mas me deterei ao aspecto da moda que majoritariamente determina os padrões sociais: o empoderamento crespo. Assumir o cabelo passou a ser um dos primeiros passos para entrar num processo de afirmação.

O corpo preto passou a ser representado, reverenciado, presente no mundo de forma forte. Hoje as crianças podem ter suas referências próprias de suas características pretas sem que estejam sempre postas em estereótipos.

Isso **NÃO** significa que superamos o racismo ou que a sociedade finalmente deixou de colocar o branco como aquele que tem uma maior possibilidade de estar no poder. Muito pelo contrário. Ainda hoje o que existe é uma tentativa diária, inclusive das próprias instituições, de que o negro seja mantido na sua zona não-ontológica. A diferença é que nos afirmamos.

Todo esse caráter de afirmação é próprio de nosso corpo e isso é apresentado por Fanon. O veículo pelo qual o preto é colocado na zona do não-ser é seu corpo e é por ele que o preto deve retirar-se dessa zona. O primeiro passo para isso é retirar o branco de sua universalidade. O segundo passo é a afirmação de que o corpo e a mente não são senão unidos e o terceiro e último passo é o entendimento entre o corpo e o mundo. O branco só está em sua posição de universalidade porque foi colocado lá por ele mesmo, logo, é o próprio branco que cria o racismo ao colocar o preto como objeto porque lhe é adverso. Portanto, para isso, basta entender a particularidade que existe em todo e qualquer humano. Ao tirá-lo do lugar de universalidade, o branco nada mais é do que um formador de opinião, como também o é o preto, só que apenas com uma espécie de maiores chances de detenção de poder.

Outro ponto é que mente e corpo estão aliados, então, dessa forma é possível provar a própria ontologia do preto. O corpo não é sem a mente assim como a mente não é sem o corpo, como numa espécie de relação. Sendo assim, ao reconhecer o corpo do preto, o homem branco reconhece automaticamente a ontologia deste, sem que se possa fugir disso.

O último ponto para a fuga do não-ser é a colocação homem e mundo. Disso eu me apropriarei de um diálogo possível entre Frantz Fanon e Muniz Sodré. Nas páginas 115 e 116 do *Pele Negra Máscaras Brancas* (2008), Frantz Fanon passa a falar de alguns aspectos em vista da irracionalidade, voltados para uma série de elementos que, para um conhecimento racionalizado, seria facilmente subjugado e descartado. Todavia, o

que de fato está sendo tratado aí me remete, atualmente, ao *Pensar Nagô* (2007) do Muniz Sodré, no qual há um estabelecimento de uma filosofia a toque de atabaques, que explica uma espécie de conhecimento que não está fundado na lógica do ocidente branco. O que há, quando se fala, inclusive, (para nosso melhor esclarecimento) de “sociedade secreta” me remete ao negro em diáspora que na sua liturgia, no seu espaço de culto, tem-se um retorno à terra de origem sem que se esteja nela. Há um aspecto de transverbalidade que vai muito além de uma escrita tida como racional-ocidentalizada ou uma construção lógica de pensamento. É prática, é voz, é dança, é culto como formas de conhecimentos de uma vida em corporeidade. Entendendo a corporeidade como essa carga de corpo negro que se coloca em comunidade com outros corpos negros e se faz ser em seu próprio espaço. Fanon não coloca isso em sua reflexão, mas creio que o seu pensamento se encontra de alguma forma refletido e respondido em Muniz Sodré e esse desenvolvimento que é trazido em sua obra para um pensamento do negro em diáspora no Brasil.

Quando ele traz “É que para nós, o corpo não se opõe àquilo que vocês chamam de espírito. Nós estamos no mundo” (FANON, 2008, p.116) - Há aí justamente o aspecto citado acima. o corpo em comunidade com a natureza. Penso que em um caráter de largo pensamento, podemos inclusive linkar esse aspecto com a religião matriz africana, em que, o orixá é a natureza adentrada no indivíduo de corpo negro. Logo, há um aprofundamento no qual o estar no mundo é ligar-se intimamente ao mundo para além do distanciamento colocado pelo homem branco, em que ele e a natureza são coisas diversas. “Entre o mundo e a mim estabelecia-se uma relação de coexistência” (FANON, 2008, p.117). É nesse momento que o negro encontra a última chave ontológica. Entendo que o ser de si não dependia de um reconhecimento branco, pois o branco queria dominar o mundo, enquanto o negro, desde tempos ancestrais, estava em harmonia com o mundo como uma coisa só.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, ao colocar-se consciente e diante desses elementos o indivíduo negro toma o seu lugar de ser no mundo e valida a si mesmo e ao seu reconhecimento que lhe é dado de forma adversa, mas ainda assim lhe é dado. O ato de afirmação assumido por

Fanon me faz lembrar uma passagem do texto de Sartre:

Pelo contrário, vimos que a revolta individual do “ladrão de avião” é uma particularização da revolta coletiva dos colonizados, ao mesmo tempo em que, pela sua própria encarnação, é um ato emancipador. é necessário compreender que essa relação complexa da revolta coletiva e da obsessão individual não pode ser reduzida a um vínculo metafórico nem dissolvida na generalidade. [...] Um funcionário da manutenção pegou um avião em um campo vizinho de Londres e, sem nunca ter pilotado, atravessou o Canal da Mancha. Trata-se de um homem de cor: é-lhe proibido fazer parte do pessoal de vôo. Essa proibição torna-se para ele um empobrecimento subjetivo; mas o subjetivo supera-se imediatamente na objetividade: esse futuro recusado reflete-lhe o destino de sua “raça” e o racismo dos ingleses. A revolta geral dos homens de cor contra os colonos expressa-se nele pela recusa singular dessa proibição. Ele afirma que um futuro possível para os brancos é possível para todos; essa posição política, da qual não tem, com toda a certeza, uma consciência clara, ele a vive como obsessão pessoal (SARTRE, 2002, p.88).

Logo, o que vemos em Fanon é claramente uma negação da imposição que lhe foi colocada por causa da sua negritude. Ele aceita o seu corpo, aceita a sua cor e decide fazer-se conhecer no mundo numa recusa da proibição de que suas capacidades são limitadas perante o homem branco.

A principal mensagem que nos foi deixada por Fanon e que poderia ressoar em todos os cantos no ano de 2020 é que o homem é sim e não: “Sim à vida. Sim ao amor. Sim à generosidade. Mas o homem também é um não. Não ao desprezo do homem. Não à indignidade do homem. À exploração do homem. Ao assassinato daquilo que há de mais humano no homem: a liberdade” (FANON, 2008, p. 184).

Para isso, faz-se claro para nós que a humanidade está muito além de direitos estipulados pela instância jurídica, é muito mais do que temos em nossas casas, nossas cláusulas ou nossos tratados. A humanidade é a nossa chance de oferecer ao outro a sua possibilidade de ser no mundo e, ao fazê-lo, afirmarmos para nós mesmos essa possi-

bilidade e isso independe de quaisquer diferenças físicas ou psíquicas. O amor consiste em liberdade e nesse caso específico a liberdade de deixar com que o outro seja ser no mundo junto conosco. Isso remonta a uma frase cristã que para além de subterfúgios religiosos pode ser compreendida em seus termos quando analisados: amai ao próximo como a ti mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Paulo Meneses com colaboração de Karl-Heinz Effen. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

SARTRE, Jean Paul. **Crítica da Razão Dialética**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.